

**Homilia por ocasião da Solene
Vigília de Adoração Eucarística¹**

**Os discípulos de Emaús e o nosso caminho eclesial
Cardeal Dom Cláudio Hummes, Legado Pontifício**

Meus irmãos e irmãs, nesta celebração eucarística, nós queremos centrar a nossa meditação neste grande mistério que a liturgia nos apresenta, aquele episódio dos discípulos de Emaús. Quero saudar de modo especial Dom Alberto, Arcebispo aqui de Belém, e seu Auxiliar Dom Irineu. Quero também saudar o Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, Dom Sérgio Rocha, e o Vice-Presidente Dom Murilo, assim como os senhores Cardeais, Arcebispos e Bispos aqui concelebrantes, os queridos Padres, Diáconos, seminaristas, religiosos, religiosas, consagrados, saudar a todos vocês que vieram, querido povo, e também os que nos seguem através dos meios de comunicação social.

Meus queridos irmãos, ouvindo este episódio dos discípulos de Emaús, nós podemos iniciar a nossa reflexão. Na verdade, esses discípulos estavam completamente desorientados, desanimados e tristes, porque eles haviam assistido à Paixão e morte de seu mestre Jesus Cristo, que foi terrivelmente crucificado, morto e sepultado. Todos os discípulos estavam muito desorientados. Esses dois voltaram para casa, para Emaús; saíram de Jerusalém e, no terceiro dia, tristes, cabisbaixos, desnorteados, de repente se encontraram com aquele peregrino que eles não estavam muito interessados em conhecer, que era Jesus ressuscitado. O que

¹ A presente homilia foi proferida no dia 20/08, às 17h, no Estádio Olímpico do Pará (Mangueirão), em Belém do Pará.

Jesus fez? Ele começou, com esses dois, a reunir novamente os Seus discípulos dispersos, porque, segundo a profecia, havia atingido o Pastor e dispersado o rebanho, e Jesus começou a reuni-los na força do Espírito, na força da Sua ressurreição, Ele veio reunir aqueles que já haviam perdido toda esperança messiânica.

Nós também tantas vezes estamos desorientados, desanimados, até as nossas crenças mais firmes começam às vezes a ser questionadas e nós entramos em crise, não sabemos mais para onde ir e seguir. É então que Jesus se aproxima de nós. A mesma coisa acontece com a humanidade que tem hoje uma grande crise de desorientação, não há mais uma verdade que consiga iluminá-los, muitos falam, há muitas contradições, muitos relativismos, e o mundo está também em uma grande crise cultural, intelectual, uma crise de não saberem para onde ir, de onde vieram e para onde vão. É nesse momento também que Jesus se aproxima da humanidade de hoje. E como Ele faz isso? Assim como Ele fez com os discípulos de Emaús. Começa a explicar as Escrituras, a Palavra de Deus, e a mostrar que o Messias veio para nos libertar do mal e da morte.

Mas esse inimigo não foi tão fácil de ser vencido, Jesus teve que enfrentar um combate duro, parecia até ter sido derrotado, porque Ele foi preso, julgado, condenado, maltratado, crucificado, morto e sepultado. Parecia que Ele havia fracassado. Porém, Jesus diz àqueles discípulos que as Escrituras haviam registrado que aquele combate seria duro e que o Messias haveria de morrer para poder libertá-los do mal. E esse Messias morreu por amor a nós, porque Deus não queria nos perder. Então começa a mostrar que as Escrituras também haviam dito que este que morreu ao terceiro dia iria ressuscitar dos mortos, iria vencer, a vitória seria d'Ele, apesar

de que as aparências eram de fracasso, mas Ele haveria de vencer, a vida haveria de vencer, o amor haveria de vencer, ao dar-se aos outros, a misericórdia e a paz haveriam de vencer, e assim Ele foi iluminando o caminho daqueles dois, e mais tarde eles vão dizer que, enquanto Ele falava, o seu coração começou a arder novamente, aquela esperança e aquela fé de que o Cristo deveria ressuscitar começaram a renascer. Mas eles ainda não tinham reconhecido Jesus àquela altura. Fizeram-no somente quando Ele chegou a Emaús, sentou-se à mesa, partiu o pão e o distribuiu entre eles. Foi nesse partir o pão que eles reconheceram o Senhor. É isso que o Congresso Eucarístico quis lembrar com o seu lema, que diz: “Eles O reconheceram no partir do Pão”.

Isso ainda continua sendo assim na Eucaristia, no partir do pão e depois no repartir o pão com aqueles que são famintos, maltratados, que estão tristes, que não têm ninguém. É repartindo o pão com eles que a Igreja vai ser reconhecida como a Igreja de Jesus Cristo. Se ela souber partilhar o pão hoje, será o grande sinal, porque a palavra vai iluminar esse nosso caminho de partilha, vai dizer por que nós repartimos o pão. Nós o fazemos por Jesus Cristo, nós fazemos por amor àquela pessoa que está faminta. Não fazemos para aparecer nos jornais ou querendo dar um bom exemplo. Nós o fazemos por causa das pessoas sofridas, por elas nós fazemos como Jesus fez por nós. Ele esqueceu a Si mesmo e se entregou à morte por nós.

Repartir o pão significa tanto o pão eucarístico como o da palavra, mas depois se traduz em um gesto de repartir também o pão material, o cultural e de todos os bens de que o homem tem necessidade para viver dignamente. É ali que se conhece essa comunidade que realmente é a comunidade de Jesus Cristo. É no partir do pão, é na partilha, que sere-mos reconhecidos. Aliás, Jesus já havia dito: “Eu vos dou

um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei, indo até a cruz por vocês; se vos amardes assim, todos reconhecerão que sois meus discípulos”. É esse o sinal, o sinal do amor ao próximo, que vai ao ponto de esquecer a si mesmo e se doar totalmente àquele que precisa. A Eucaristia tem todo esse mistério, o mistério da morte e ressurreição de Jesus, o mistério da partilha e do pão, esse mistério que mantém viva a esperança messiânica definitiva de que no final a vida vai vencer, o amor vai vencer.

É nesse contexto que Jesus, na Última Ceia, fala da unidade e diz que Seus discípulos devem viver unidos, a Igreja deve viver unida, ela tem por vocação e força espiritual ser uma semente de paz e unidade para a humanidade toda. E aqui hoje lembramos os grandes conflitos do mundo, as grandes violências, todas essas guerras, os terrorismos, toda essa divisão, esse ódio de uns contra os outros. A Eucaristia traz uma mensagem para curar todos esses males, ela nos une, nos perdoa, nos reúne, nos faz família, nos faz irmãos, ela nos faz gente que convive na paz. A Eucaristia tem essa força de unir, de construir a unidade, e ela se torna semente de paz, de unidade, de perdão e reconciliação na história dos homens. Mas Jesus, nesse contexto da Última Ceia, também nos fala da necessidade de nos colocarmos a serviço humilde dos outros. O mundo e nós não seremos consertados se não nos pusermos em um espírito e em uma prática de serviço. Jesus lava os pés dos Seus discípulos; Ele se humilha, aproxima-se, ajoelha-se no chão e lava os pés dos Seus discípulos em um sinal de que não é na arrogância, não é no orgulho de ter a verdade na mão que nós vamos converter o mundo, mas é nos colocando a serviço, iluminando o nosso serviço com a Palavra de Deus, com grande humildade e respeito.

O papa Francisco, em certo momento, disse: “Quando vocês, missionários e missionárias, encontrarem as pessoas e quiserem de fato lhes apresentar a fé em Jesus Cristo, façam isso com grande respeito e amor à pessoa que está ali ouvindo a vocês”. Isso Jesus nos ensina na Última Ceia. Também a paz só se constrói assim se houver humildade, diálogo, se escutar o outro, ir ao encontro do outro, ceder a ele na medida que também tem os seus direitos, talvez até por pura misericórdia, e não apenas por querer justiça, mas também por misericórdia e caridade fraterna. Assim é que se constrói a paz, e Jesus nos ensina isso no contexto da Eucaristia.

Essa unidade, essa partilha, hoje, aqui, também vai ser simbolicamente representada por aquele momento em que os párocos vão receber o pão consagrado que vão levar desta mesa eucarística em que estamos todos reunidos e, ao menos em espírito, toda a pátria brasileira, toda a nação brasileira, porque é um Congresso Nacional; eles vão levar às suas paróquias uma parte deste pão eucarístico aqui consagrado. Por quê? Para mostrar que somos unidos, que somos uma grande família, que todos comungamos da mesma mesa, queremos ser irmãos, que nós partilhamos o pão eucarístico pelas comunidades afora, para termos a coragem, a força e a decisão de repartir também com os pobres o nosso pão material. É também esse pão material que queremos distribuir com respeito às diversidades que as próprias paróquias já representam, pois elas são diversas.

A Igreja, na unidade, tem uma grande diversidade, e, quando vamos ao mundo para oferecer o nosso serviço, também temos que estar atentos à diversidade, acolhê-la, acender as luzes para que todos possam se sentir unidos ao redor de Jesus Cristo, que tem os braços abertos para todos. É nessa caridade, nessa misericórdia, que a Igreja vai crescer.

O Papa diz que, muito mais pela pregação, a Igreja cresce por atração. O que atrai as pessoas para a Igreja? A misericórdia que a Igreja é capaz de praticar com quem sofre. Isso é que atrai. A misericórdia, o amor desinteressado, o respeito pelo outro. Isso atrai. Aliás, Jesus já tinha dito isso quando falou da Sua Paixão e morte. “No dia em que eu for elevado na cruz, naquele dia eu vou dar a minha vida pelo mundo. É com isso que atrairei todos a mim”. É claro que Jesus andou por toda a Palestina, pregou constantemente, fez muitos sinais, mas Ele disse que iria atrair a todos com aquele gesto supremo de misericórdia pelo mundo. A misericórdia que atrai.

Se nós quisermos que a nossa Igreja seja realmente uma luz para o mundo de hoje, nós temos que ser realmente misericordiosos, capazes de irmos ao encontro e dar-nos àquele que precisa. Amém.

